

A crise de trabalho é uma resultante da incúria dos dominantes e só pode ser debelada pelo operariado que a sofre

Não exageramos ao afirmar que o operariado atravessa um dos períodos mais graves da sua vida, período de miséria com uma negra expectativa de agravamento. As indústrias, mercê da má tática dos seus detentores, definham-se dia a dia reduzindo as suas produções. A falta de tino orientador, a imprevisão do que poderá suceder, um tanto de ganância cega e uma dose de má fé, estão lançando para uma situação cada vez mais crítica uma parte importante da população laboriosa. Indústrias há, das quais muitos operários não conseguem há muitos meses auferir proventos que lhes permitam manter as proles. A miséria vai avassalando e o número dos desocupados aumenta. E por cada grupo de operários lançados no "chômage" maiores dificuldades surgem para os que ainda laboram, visto que os desocupados mal consomem o indispensável, deixando de adquirir o que é produção industrial de necessidade menos imediata. Não se passa sem pão, mas não se renova o vestuário, não se adquire o conforto nos lares, nem se pode deixar de viver promiscuamente amontoados em acanhadas habitações. A crise assim se intensifica, sem que os detentores das indústrias ou, dos governantes, alguém a estude e busque debelá-la.

Para onde vamos? A que excessos nos levará o engrossar dos sem trabalho?

O que será o inverno inclemente que se aproxima? Eis o que passa despercebido neste país, onde os problemas máximos são ninfarias sem importância. Em dos os países, nas grandes nações — dirão os economistas portugueses — também é grande o exército dos desocupados, e nós não podemos fugir a esse fenómeno. E como tudo o que é fenomenal para a gente está bem, fenomenalmente a população de Portugal, pela incúria dos detentores das riquezas e das indústrias, e um pouco pela sua indolência, é

conduzida a uma situação das mais infimas.

Na Inglaterra e em outros grandes países existem recursos pecuniários para atender aqueles a quem as crises mais ferem; subsidiavam-se os sem trabalho.

Aqui, onde tudo se imita, desde os gestos das figuras marcantes na política estrangeira até aos capotes da polícia, aqui, sobreleva-se o que de mau lá por fora existe. E porque haja falta de recursos pecuniários que se abandonam à sua sorte os desocupados? Mas, nem a indole do nosso operariado receberia bem a esmola do Estado, nem este pode ou se dispõe a tirar dos cofres públicos algo que não seja para manter os seus emulos e sustentar os seus guardiães.

Portugal, pequeno país, tem uma crise básica de todas as crises — a crise de falta de carácter dos que o dominam. Recursos e dos melhores tem; recursos inexgotáveis e inaproveitados, recursos naturais cujo aproveitamento colide com os interesses das camarilhas.

Enquanto que o povo não tem pão suficiente em qualidade e quantidade, não tem água, nem casas para habitar, não tem transportes, nem vestuário acessível, enfim tudo lhe falta, os problemas: cerealífero, das águas dos transportes, etc., dormem o sono dos justos como se tudo caminhasse no melhor dos mundos.

Nos ministérios, nas repartições do Estado trata-se exclusivamente da política partidária e dos interesses das clientelas capitalistas a quem não repugna, comodamente, importar lucrativamente o que devia ser aqui manufacturado. A crise é bagatela; os desocupados são canela a sufocar violentamente quando exteriorizem na rua os seus sofrimentos.

A crise só pode ter um solucionador — o operariado. Nos sindicatos ele deve estudar-lhe os factores e as características e impor a sua solução. Como?... Indo até onde as circunstâncias o exijam.

ESTA NOITE...

A's duas da madrugada, quando a parte laboriosa da cidade descansa, as fadigas de um dia mal passado e a parte rica e galante pulula nos "clubs", circulando a banca onde lança, transformada em papel moeda, algumas gotas do suor alheio, em jorgias luxuriantes e corpos purulentos das que enveredam, em vertigem arrepiante, pelo declive social, até mergulhar no nauseabundo...

...a essa hora, as ruas silenciosas têm um ar de mistério de mil e um romances passionais que perpassam em tugúrios e palácios de alturas e avenidas; silêncio e solidão só entrecortados por algum transeunte apressado que, após a vigília útil, segue caminho do lar em busca de um repouso reparante — sim, porque os outros, os notívagos da crápula, esses não têm hora de entrada ou saída e a volta aos lares com sol fora é "chic" e isenta de compromissos...

O Camões é quasi certo. Apenas, num dos bancos, três estúrdios, os sobraçando cada sua banza, riem alvamente, num rictus avinhado, das palavras destrambelhadas dum rapaz, tipo de operário que, um tanto "alegre", regressava, talvez, a casa.

Súbito, um polícias espadaúdo de braca-deira vermelha e casaca-te americana, que pairava junto aos Mártires, aproxima-se. Os estúrdios, por certo para desolipar, irrompem em imprecisões contra o "pobre diabo" que até ali os distraía. Lentamente o polícia aproxima-se, põe a pesada mão sobre o ombro do rapaz e este, temeroso, súbitamente, descolorece-se e balbucia sílice: — Sr. guarda, mas eu não fiz mal...

Succede uma rápida e expressiva cena, síntese da insegurança individual dos tempos que correm. O agente levanta o casaca-te, atinge o rapaz de lado, e assim brutalmente leva-o para o centro da praça, lá-lo pôr mãos no ar — à laia de Edie Polo de cinema — resolve-lhe as algibeiras, caça-lhe o dinheiro, finge ler, chama-lhe bolseiro, e, a fechar, assenta-lhe nas faces esqueléticas duas horas bofetadas...

O pobre diabo, que, durante esta vergitosa e calada noite, mal articulava palavras de sua própria justificação, cambaleia atordoado, talvez tanto pela vergonha como pela violência da agressão e, mãos no rosto, desliza, a caminho do Chiado, monossilabando, em protestos de honradez, de que se não cometeu nenhuma falta.

O CONFLITO entre a Federação Marítima e a C. G. T.

A Associação dos Maquinistas Fluviais mantém a sua adesão à central dos sindicatos

A Associação de Classe dos Maquinistas Fluviais reuniu em assembleia geral, na passada segunda-feira, a fim de apreciar o conflito existente entre a Federação Marítima e a C. G. T. Não tendo comparecido o delegado da F. Marítima, foi dada a palavra ao delegado da C. G. T., que numa clara exposição, explicou a atitude dos dirigentes daquele organismo federativo. Em seguida falaram vários sócios que exprobaram a atitude dos referidos dirigentes, os quais, abusando das atribuições que lhes foram conferidas, cortaram relações com a C. G. T., sem que para tal fossem consultados os organismos que compõem aquela Federação. Por último foi aprovada uma proposta assim concebida:

«Proporho que a Associação dos Maquinistas Fluviais continue mantendo o seu delegado junto da Federação, mas que cesse o envio de cotização enquanto se não resolver o conflito entre a C. G. T. e a Federação Marítima, passando a requisitar o do expediente à C. G. T.»

PERSEGUIÇÕES

Os ferroviários do Sul e Sueste manifestam-se contra as deportações

Nas importantes reuniões do pessoal ferroviário do Sul e Sueste, que se têm realizado ao longo da linha, tem sido apreciada a injustificada manutenção das iníquas deportações, das quais já resultou a morte de três trabalhadores, tendo sido aprovada uma moção pela qual se resolve:

«Protestar contra este acto duma violência extrema e que vai de encontro às afirmações feitas através de dezenas de anos pelos homens que ocupam as cadeiras do poder, demonstração eloquente da sua incoerência e falta de razão;

Fazer salientar o facto do desaparecimento de três operários para se avaliar melhor da enormidade de tal violência;

Enviar ao presidente do ministério um telegrama reclamando o imediato regresso dos alvejados, reparando-se assim, se bem que em parte, tal prepotência»

sintético dos tempos que correm, retiramo-nos moralmente esbofetados... enquanto o polícia ficava bamboaleando-se, ancho da sua faganha, e os três estúrdios ficavam rindo-se alvamente, num rictus avinhado.

Um soldado do exército rifenho faz à BATALHA revelações sensacionais acerca da guerra de Marrocos, Abd-el-Krim, a tática dos mouros, a cultura das terras e os hospitais

Ontem à tarde, à hora do calor intenso, quando a redacção mergulhava num pesado silêncio, a porta abriu-se de súbito — e uma cabeça tisonada, uns olhos pretos, vivos, e um cabelo negro desalinhado, assumaram.

— Dá licença?
— Entre.

Era José Ricardo da Silva que nos procurava. Entrou. Trazia um velho fardamento de kaki amarelo desbotado e botas cobertas de poeira.

Estávamos na presença dum soldado.

— Venho do Rif, elvê combatendo durante 15 meses ao lado de Abd-el-Krim. Estas palavras causaram sensação. Entreolhamo-nos.

José Ricardo da Silva tinha todo o ar de quem dera a novidade mais banal deste mundo.

Chegámos-lhe uma cadeira. Sentou-se pesadamente, recostou o corpo baixo, nervoso, elegante e enérgico.

— Andei durante oito noites seguidas. De dia não se podia caminhar... era perigoso.

Sorriu-se. Oferecemos-lhe tabaco.

Entre batidas das azeit:

— Quando cheguei a Algarve senti-me arrependido de ter abandonado os mouros, as suas saudades. Já estava habituado àquela vida.

— Conheceu Abd-el-Krim?

— Como os meus dedos. Excelente homem! Afável, enérgico, inteligente. Fala português como qualquer de nós. Entende-se com todos os estrangeiros. É uma grande cabeça...

— Estão muitos estrangeiros combatendo ao lado do chefe rifenho?

— Muitos! Muitos oficiais alemães: capitães, coroneis e até generais; muitos franceses, espanhóis, italianos, eu sei lá!... E portugueses?

— Muitos soldados, quatro cabos e o alferes Martins.

— Como foi parar ao campo rifenho?

— Principiando por combater no terço estrangeiro a favor da Espanha. Eu lhe conto: eu estava no país vizinho. Um dia reparei nos cartazes convidando toda a gente a incorporar-se no exército espanhol. Ofereciam mundos e fundos: cinco pesetas diárias, seis pratos, andainas completas de fardos e ao fim de quatro anos de pejeira o regresso à península e uma gratificação de 2.000 duros. Fui.

— E deu-se bem?

Os grandes olhos negros de José Ricardo da Silva disseram-nos tudo pela sua expressão.

são de ódio reavivado por uma má recordação.

— Deu-se mal...
— Faltaram a todas as promessas...

Uma pausa, outro cigarro que se acende.

— O terço estrangeiro é sempre o primeiro a ser arremessado contra o inimigo. Somos tratados a chicote, sob a ameaça constante do fuzilamento.

E num desabafo o nosso visitante exclamou:

— Os espanhóis chamam bárbaros aos mouros mas as verdadeiras barbaridades cometem-nas eles!

«Chegamos a servir de bestas de carga transportando a artilharia para o alto das montanhas — a artilharia que os mouros vão apanhando com munições e tudo.

«A comida, má e escassa. Passava-se fome. Castigavam-se soldados pondo-lhes às costas mochilas carregadas de areia. Os espanhóis são bárbaros.

— Desertou?

— Desertei ao fim de quatro meses... Uma noite fugi. Fui-me apresentar ao Abd-el-Krim.

— O general mouro coxeia ligeiramente. Recebeu-me com amabilidade. Durante dois dias andei quase sempre com ele, almoçando e jantando à mesma mesa. Conversámos. Ele tinha um conhecimento profundo das posições militares dos espanhóis.

— Tem simpatias entre os mouros?

— Adoramo-o. O que ele diz — cumpre-se.

— Ao cabo de alguns dias de descanso, comecei a combater contra os espanhóis. Sabe bem combater ao lado dos rifenhos. São espertos, valentes, bons atiradores, disciplinados. Vivem na abundância. Comer não lhes falta. Há por lá muito gado, muita caça e os terrenos que eles continuam a cultivar tranquilamente são uma verdadeira riqueza.

— Trabalha-se no Rif?

— Sim, como se não houvesse guerra. Trabalham homens e mulheres na cultura da terra. Têm muito gado também, esplêndido leite de cabra e de vaca.

— Parece que os franceses têm incomodado agora os rifenhos — dissemos.

O nosso entrevistado sorriu na nossa ingenuidade.

— Não, Abd-el-Krim não lhes tem ligado grande importância por enquanto. São os povos mais rudes do Rif, comandados pelo irmão do Abd-el-Krim, que nem artilharia possuem por enquanto, que estão batendo os franceses. A França está muito iludida com Marrocos. Abd-el-Krim está tranquilo.

— O Martirio da Bessarabia

A MISÉRIA E A REVOLTA

(Extraído do "Romania Muncitoare" órgão dos trabalhadores românicos em Paris)

Pouco mais ou menos por estas alturas, o governo românico, vai inaugurar em Kitchinef uma exposição económica para mostrar aos convidados de todos os países a prosperidade da Bessarabia depois da ocupação. As autoridades esperam, com a ajuda de paradas e de muita poeira, fazer crer ao estrangeiro que a Bessarabia é na verdade uma terra livre e florescente.

Basta deitar uma vista de olhos pela região indicada para notarmos imediatamente o estado em que ela se encontra. Na própria cidade de Kitchinef, e no próprio dia da abertura da Exposição Económica, 386 camponeses de ambos os sexos, esperam com angústia, após onze meses de detenção preventiva, acompanhados de torturas incalculáveis, a abertura deste processo monstruoso.

E' na prisão central de Kitchinef e na sala do Tribunal Marcial ou ainda nas aldeias da Bessarabia, outrora tão férteis, que se deve constatar a triste realidade.

Um burguês honesto e imparcial, Michalacki, deputado e presidente do partido agrário, escreveu o seguinte num relatório: «A Bessarabia está morrendo... Os que governam a Roménia estão arrastando a Bessarabia para o abismo».

Mas eis outro testemunho insuspeito: Jules Dragomiresco, ex-senador, diz o seguinte sobre a decadência da Bessarabia: «Enquanto que sob o antigo regime funcionavam na Bessarabia 23 bancos, 550 cooperativas de consumo, de crédito e de economia, 428 estabelecimentos de pequeno comércio incluindo os que pertenciam aos Zemstvos (Comunas) tendo na totalidade um activo de 574.166.320 leis ouro, presentemente a totalidade do dinheiro colocado em conjunto nos bancos, cooperativas, estabelecimentos de crédito e de economia, não vai além de 475 milhões de leis papel.

Será bom que o governo e o Banco Nacional saibam que nove distritos bessarabianos com três milhões de habitantes vivem dum "roulement" de 475 milhões de leis papel enquanto que a cidade de Criotova (situada na velha Romenia) por exemplo e cuja população não vai além de 80.000 habitantes, dispõe de depósitos nas casas de crédito, de 520 milhões de leis.

Seja quem for pode pois ver que os gritos de alarme vindos da Bessarabia são provocados pelos sofrimentos dos povos torturados pela miséria, e que a Bessarabia outrora rica e avaliada pelas estatísticas russas em 30 milhares de leis ouro é presentemente um país de pessoas pobres e até de miseráveis».

Finalmente uma outra individualidade oficial, o director geral das vias públicas, Cristodulou, escreveu no seu relatório ao ministério das obras públicas:

«As pontes e as estradas da Bessarabia encontram-se em tal estado que se torna impossível haver comunicações duma aldeia para outra. Não é possível, a pesar de todos os meus esforços, socorrer as regiões atingidas pela fome...»

Nos sabemos por outro lado que para reconstruir as pontes destruídas, melhorar as estradas e reconstruir as aldeias de Neruchin, Gismele, Nicolawa, Galileze e a cidade de Tatar-Bunar, devastadas pela artilharia pesada em 1924, o governo de Bucarest prometera 300 milhões de leis, mas que essa promessa nunca foi cumprida.

Eis a triste verdade sobre o estado da Bessarabia desde a sua "União" com os vaqueiros da Roménia.

E' a miséria, são as privações que, aliadas aos gendarmes e às brutalidades da administração civil e militar, levam a população para a revolta.

— A força dos mouros é cada vez maior. Não os venceram até hoje, já mais os vencerão. Combatem com fé, ao passo que as tropas europeias marcham de má vontade.

Os oficiais europeus que estão ao serviço de Abd-el-Krim são muito hábeis. Há dias disse-me este que estava à espera de aviões; vinham a caminho.

— De onde?

José Ricardo da Silva disse-nos ao ouvido o nome do país que fornecia os aviões.

— Ah! — exclamámos.

— E' curioso — comentámos — que os mouros nunca sofrem uma derrota desastrosa.

— Têm uma tática magnífica — esclareceu o soldado —. O terreno é montanhoso. Cada recanto é uma emboscada. Existem "kabilas" subterrâneas...

— Sim, os montes estão perfurados em grandes extensões. Conseguem fazer desaparecer, sem deixar vestígios, exércitos de dez mil homens, e mais. O exército inimigo passa, não vê ninguém. Mas de súbito do sub-solo surgem quinze ou vinte mil homens, como formigueiros enormes que

o volume de 250 milhões de leis ouro em trabalho. Os europeus não sabem como caem na armadilha.

«Fogem, deixando armas e bagagens. E os mouros, às vezes, um pouco por desprézo, um pouco por dó, em vez de fazerem fogo, correm-nos à pedrada».

— Têm muitas baixas, os rifenhos?

— Poucas, muito poucas mesmo.

— E os hospitais?

— São ligeiros barracões, mas o tratamento é admirável. Existe grande abundância de leite, de criação e as mouras educadas que nos servem de enfermeiras são dum carinho e duma dedicação inextinguíveis.

— Qual a sua impressão sobre o desfecho da contenda?

— O triunfo absoluto do Rif e a sua independência assegurada. Deve vir a ser, depois da paz, um grande e rico país.

«Os espanhóis não se agüentam. Cada vez há mais munições e armas defensivas. O Rif ainda não se empregou a fundo. Abd-el-Krim está a brincar. Agora é que ele se vai dirigir às numerosas "kabilas" do interior, às reservas, que até hoje ainda não viram uma arma. Depois, depois... ai dos espanhóis, ai dos franceses!»

Ditas estas palavras José Ricardo da Silva retirou-se, com as suas botas poeirentas, o rosto tisonado e sereno, o cabelo hirsuto — marchando devagar e despedindo-se num gesto de quem acabara de dizer banalidades.

A MORTE DE RENÉ VIVIANI

PARIS, 8. — Todos os jornais sem distinção de credos políticos, dedicaram artigos à memória de René Viviani, rendendo homenagem ao seu talento e ao seu carácter.

O sr. Painlevé telegrafou de Genebra dizendo que a morte de Viviani privou a democracia de um dos seus melhores defensores.

Os funerais realizam-se na quinta-feira e são feitos a expensas do Estado.

Na Sociedade das Nações

A França imperialista, no dizer de Painlevé, deseja a paz mundial...

GENEVA, 8. — O sr. Painlevé, no seu discurso de ontem na assembleia da Sociedade das Nações, recordou os problemas mundiais já resolvidos e deplorou a falta de aprovação do protocolo de segurança, afirmando de novo que a França está sempre disposta a estudar novas convenções para assegurar a paz mundial e exprimindo a esperança de que a participação, sem reservas, da Alemanha na Sociedade das Nações venha dissipar as actuais divergências e que o Reich venha colaborar na reconstrução europeia.

O delegado canadiano, sr. Dandurand, foi eleito presidente da assembleia.

A GUERRA DE MARROCOS

Ajdar bombardeada pela aviação francesa

MADRID, 8. — Uma esquadrilha de 16 aeroplanos franceses bombardeou ontem Ajdar, capital do Rif.

Desconhecem-se os resultados que devem ter sido terribéis, em virtude do bombardeamento ter sido muito intenso.

A actividade marroquina

TANGER, 8. — Os mouros continuam manifestando uma extraordinária actividade em todas as linhas de batalha.

A REVOLTA NA CHINA

Uma manifestação dissolvida a tiro pela polícia

XANGAI, 8. — Deu-se ontem um violento incidente entre a polícia e uma manifestação que recusava dissolver-se.

Os manifestantes atacaram os agentes à pedrada, tendo estes últimos ripostado a tiro, pelo que ficaram feridas três pessoas.

OS GRANDES potentados de Samora Correia julgando ter a justiça na mão riem da campanha de A BATALHA

Já aqui afirmámos, sem desmentido de entidade alguma, que nenhum dos potentados de Samora Correia observa, para com os seus empregados, operários ou trabalhadores rurais, qualquer das disposições que regulam o descanso semanal ou o horário do trabalho. Aldeias bem menos importantes do que esta vila conhecemos nós onde tais disposições se acatam sem um protesto de ninguém. E' lei, cumpre-se a lei. Mas aqui, onde os potentados imperam, onde os trabalhadores têm os mesmos direitos que as mulas das vagonetas ou os bois da lavoura, pois são obrigados a trabalhar de sol a sol, a custo se lhe concedendo que aloquem e jantem, não se faz caso da legislação da República, seja para o que for. Nem mesmo as leis que têm por vezes alterado as horas consideradas oficiais aqui se fizeram sentir de qualquer maneira.

Há em Samora Correia uma única lei que os trabalhadores cumprem submissos, sem um protesto, sem uma reclamação, sem um assomo de enfado: — é a vontade despótica dos mandões.

Bem dizíamos nós de princípio e repetiremos ainda: — a culpa não é só dos potentados; a culpa é das autoridades concelhias e distritais que não os obrigam ao cumprimento das leis que o governo, desde 1917, lhes impõe.

À sua aplicação ninguém se exime, logo que é igual para todos, ricos ou pobres, grandes ou pequenos, potentados ou párias, essa lei já possui a melhor das suas qualidades — é justa.

Aqui, nesta pobre terra, seja boa ou má a lei, e ela é sempre considerada péssima se recomenda e estatui alguma espécie de garantia para os que trabalham, começa por não se cumprir — não se lhe dá confiança.

E o delegado do governo e o governador civil, que já conhecem parte do que aqui se passa pela campanha de A Batalha, que conhecem e têm lido, ainda nem sequer pensaram em quaisquer providências a adoptar para com os relapsos. Pois as providências são fáceis; nestes terra o seu delegado oficial e têm a guarda republicana, que, a pesar de residir em casas gratuitamente cedidas pela senhora Companhia, logo que recebesse ordem para meter na ordem os potentados, tinha que a cumprir. Se não dão providências contra este estado de coisas é porque positivamente não querem dar; é porque se não querem indisciplinar com os potentados, visto que só eles são gente, só eles representam poder, dinheiro e votos; os demais são os carneiros, cujo rebanho submisso e disciplinado é bom manter, sem uma defeção.

E' por tudo isto que os potentados, sabendo quem têm nas cadeiras da administração do concelho e do governo civil, se riem a bom ri quando alguém lhes diz que há alguém que se interessa pela sorte dos miseráveis trabalhadores de Samora Correia, que têm hoje tantas garantias como tinham há duzentos anos.

Bem se importam os magnates com aquilo que se diz nos jornais. Como estão bem certos de que, com medo da vingança, que se não faria esperar, nunca os trabalhadores se erguerão num justo protesto contra o menosprezo a que foram votados, riem satisfeitos, porque, da parte das autoridades, nada terão a temer.

Mas porque é que essas autoridades, sabendo, de mais a mais que a dentro das suas áreas há quem cumpra e quem não cumpra as leis, não impõem aos potentados a obrigação iniludível de se cumprirem as determinações legais?

E' porque têm medo. Receiam melindrar os grandes, porque dos pequenos nem sequer se faz menção.

Outro dia chamámos aqui a atenção do delegado do governo em Benavente; recordávamos que, por um pouco provável acaso, ele desconhecisse o que aqui se passava; quizeámos elucidá-lo primeiro; pois, não obstante esse nosso cuidado, tudo continua na mesma. Não se observa o descanso semanal em mais de 60 casas de comércio que a terra conta; não há o horário de trabalho e nem sequer a lei de acidentes no serviço aqui foi aplicada em qualquer caso.

Se isto continuar assim, nós poderemos então afirmar que as autoridades receberão favores ou dinheiro das mãos dos potentados para se manterem surdos aos protestos que aqui temos exarado.

Todas elas esperam que uma comissão de operários os procure, para lhes apresentar as suas reclamações. Não se dará isso; de mais o sabem eles; e por isso não curam do cumprimento das leis, que lhes dá muito que pensar e não lhes oferece lucros positivos.

E, por isso, uns e outros, riem despreocupadamente da nossa campanha.

Nem toda a gente, porém, a recebe com o mesmo desdém.

Ainda há dias numa horta, à beira do Almanor, passeavam dois dos que agora são nossos encarnicados inimigos, falando e gesticulando sobre o caminho a seguir em face da campanha de A Batalha.

— Eu, dizia o Kimbada, acho que o que há a fazer é processar esse patife!

— Processá-lo... mas porque? juntava o N'Ganga, que é mais prudente e que é quem costuma sempre adiantar o dinheiro para as levandadas do Kimbada.

— Processá-lo, sim. Quanto mais não seja para o fazer gastar dinheiro; porque, por pouco que gaste, há de fazer-lhe falta, ao passo que a nós... podemos gastar...

— Sim; do meu cofre... podemos gastar à vontade.

— Perdão... eu creio que...

— Eu não sei o que você creio; o que eu sei é que, em tudo quanto você se mete, sou eu sempre quem paga. Parece que já se não lembra desses almoços que tem oferecido nas caçadas por você organizadas e cuja conta o Casimiro Nazareno se esquece de me apresentar no fim do mês.

— Mas você também come...

— Como; e você come bem e bebe mo-

MARCO POSTAL

Olhão.—Correspondente.—O Sindicato dos Manipuladores de Pão é na travessa do Oleiro, 13, 1.º

Agenda de A BATALHA

CALENDARIO DE SETEMBRO

S.	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
S.																															
S.																															
D.																															
S.																															
T.																															
Q.																															
Q.																															

MARES DE HOJE

Praiamar às 7,14 e às 7,38
Baixamar às 0,22 e às 0,44

CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	96\$00	96\$25
Madrid cheque		2\$84
Paris, cheque		\$93
Suiza, cheque		3\$84
Bruxelas cheque		\$39
New-York, cheque		19\$85
Amsterdão, cheque		8\$02
Itália, cheque		\$80
Brasil, cheque		2\$65
Praga, cheque		\$59
Suécia, cheque		5\$34
Austria, cheque		2\$82
Berlim, cheque		4\$74

ESPECTÁCULOS

TEATROS

Polliteama.—A's 21,30.—O Leão da Estrela.
Hípico.—A's 21,30.—O Conde de Monte Cristo.
Eden.—A's 20,30 e 21,30.—Frei Tomé ou o Mistério da rua Saravia de Carvalhos.
Marta Vitória.—A's 20,30 e 21,30.—Rataplano.
Casino de Sintra.—A's 21,30.—Concerto pelo tenor Lapetier.
Juvenia.—A's 21,30.—Lírmica e A. Cláudia.
Lilviana (a Graça).—A's 21,30.—Animatografado.
Invenção Parquet.—Todas as noites.—Concertos e lições.

CINEMAS

Olimpia.—Chinês Terras—Salão Central—Cinema
Condes—Salão Ideal—Salão Lisboa—Sociedade Pro-
motora de Educação Popular—Cine Paris—Cine Es-
perança—Chantier—Livoli—Torreiois.

PEDRAS PARA ISQUEIROS
Metal Auer, assim como todas as peças, moedas, medalhas, etc., em ouro, prata, cobre, latão, etc., em todas as formas e tamanhos. Dirigir pedidos a Francisco Pereira Lda, 12, a Rua da Boavista, em melhores condições.

CONSELHO TECNICO DA CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua indústria, tais como: edificações, reparações, limpeza, construção de fornos em todos os gêneros, fogões de sala, xadrezes, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e mármore de todas as proveniências.

Telefone — 539 Trindade
Escritório:
Calçada do Combro, 38-A, 2.º

Companhia Nacional de Navegação
Para Porto (Douro e Leixões) sairá no dia 15 do corrente, o vapor «Ibo», recebendo carga. Trata-se na sede da Companhia, rua do Comércio, 85.

CONCURSO

Na Junta de Freguesia de Almargem do Bispo, (concelho de Sintra) está aberto concurso para admissão de professora diplomada ou inscrita para a escola mista da quinta do Rebello desta freguesia.
O concurso termina em 20 de Setembro corrente, estando patentes as condições em casa do presidente da Junta a quem devem ser endereçadas as propostas.

FATOS COMPLETOS E SOBRETUDOS
em boas fazendas de lã com bons forros desde 159\$00
IMPREMISSÍVEIS INGLESES com rinto e rapuz, desde 169\$00
CAPAS ALENTEJANAS desde 199\$00
CALÇAS desde 40\$00
ABATIMENTOS PARA REVENDA
O CHAVES DO CONDE BARÃO
170, Rua da Boavista, 172

"PÓ RODRIGUES"
O melhor destruidor de pulgas, percevejos, baratas, formigas, etc.
União depositários em Portugal
Salvador Barata Limitada
Fabricantes dos produtos marca "PÓ RODRIGUES"
19A, R. Gaivotas, 19C LISBOA
Telefone C. 5467
A venda em todas as drogarias, mercearias e lojas de ferragens.

AGENTES:
NO PORTO—Sociedade de Produtos Químicos, Lda.
RUA 31 DE JANEIRO, 171, 1.º
NAS ILHAS—João Gomes-Funchal

CLINICA DO CHIADO

RUA GARRETT, 74, 1.º
TELEXONE C. 4186

Doenças venéreas

Para as classes pobres. Das 12 às 14 h.

Grande Liquidação de Lanifícios
Do antigo armazém de fazendas por atacado de FRANCISCO PEREIRA, Lda, com o fim de dar lugar ao novo sortimento com que brevemente esta casa vai inaugurar na mesma sede,
Armazém Central de Lanifícios
com vendas directas ao público
pelo preço das fábricas e ainda mais barato. Casemiras meia estação desde 15 escudos
Aproveitem esta esplêndida ocasião
Rua Arco Bandeira, 139, 1.º

Serviço de livreria de A BATALHA

Livros em Esperanto	Vade Mecum de Internacia Farmacio
Romance original de Mérimée, tradução de Sam. Meyer, 1 volume de 56 páginas. 6\$00	Por C. Rousseau, 1 volume de 233 páginas. 30\$00
Tradução de original polaco de Nierowski por B. Kahl, com um prefácio de Antoni Grabowski, 1 volume. 5\$50	Vintre Faboj De diversos autores, recomendado pela Esperanto Literatura Associação. 5\$00
Selos de propaganda esperanta. Muito artísticos, a oito cores e oito motivos, os nossos preciosos monumentos, nitidamente impressos. Cada coleção de oito Colagem em album com o retrato de Zamenhof, com legenda. 5\$0	La Vangaro Comédia em 1 acto por Abraham Dryden, tradução de S. da. 1 volume de 52 páginas. 4\$00
Solo em português e esperanto. Monólogo de Paul Bilhaud, tradução de Fernando Doré, 1 volume de 2 páginas. 1\$75	Vivo de Zamenhof A vida do autor da língua, com excelentes gravuras, edição de luxo, 1 volume de 109 páginas. 26\$50
Stranga Heropajo Mais um original de Luyken, o feliz autor do Mirinda Amo. Romance interessante, aconselhado pela crítica, 1 volume. 17\$00	Vojago Interne de Mia Cambr Romance de Maistre, traduzido por S. Meyer, 1 volume. 4\$00
	Vortaro Kabe Esplêndido dicionário, só em Esperanto, mas compreensivo e remediando a falta do dicionário esperanto-português. Aconselha-se a sua aquisição. Este dicionário, com a Krestomatio, curso elementar e Bildotablilo, faz parte da primeira bagagem do principiante, 1 volume encadernado. 12\$00

ASSINEM Os Mistérios do Povo

Joana tinha ouvido Sybilla com a mais profunda atenção, impressionada sobre a sua filha. Desde então um camponês casar com a filha dum rei. Desde então Joana julgava-se desculpada aos seus próprios olhos de pensar tantas vezes, desde a véspera, no seu filho, tão belo, tão corajoso, e tão bom senhor, tão meigo, tão feliz, e pela crueldade dos infelizes por culpa de sua mãe e pela crueldade dos ingleses. Por isso, depois de um momento de silêncio, a pastorinha disse a Sybilla:
—Oh! madrinha, que bela legenda!... Achá-la-hia ainda mais bela se o rei de Leão tendo de combater um inimigo, tão cruel como os ingleses, Alano o camponês tivesse salvado o seu rei antes de casar com a filha dele.
—E não se sabe que foi feito de Merlin?
—Não, não se sabe, mas que ele deve dormir mais de mil anos. Porém, antes de adormecer, ele predisse que o mal que uma mulher fizesse à Gália, seria reparado por uma rapariga... uma rapariga deste país...
—Deste país, madrinha?
—Sim, da Lorena; e que nascerá perto dum grande bosque de carvalhos (1).
Joana com as mãos juntas, tomada de espanto, olhava para Sybilla em silêncio, e pensava, que segundo a profecia de Merlin, a França seria salva por uma rapariga da Lorena, talvez mesmo de Domrémy? Essa libertadora, não devia ela sair do antigo bosque de carvalhos? A filha de carvalhos seculares?
—O quê, madrinha, repetiu a pastorinha, será verdade... Merlin predisse isso?
—Sim, respondeu Sybilla;—sim, há mais de mil anos que esta profecia foi feita por Merlin.
—E em que termos, madrinha... Sabei-os?
—Sim.

—Pois dizei-me.
Sybilla apoiou a testa na mão, e depois com voz baixa e lenta, fez conhecer a sua filha, essa misteriosa profecia, que a criança ouviu com religioso silêncio.
—Quando o sol se põe, e nasce a lua, canto eu.
—Quando eu era jovem, cantava; agora velho, ainda canto.
—Buscar-me não me acharão...
—Buscar-me não e não me acharão.
—Pouco importa o que sucede...
—O que deve suceder, sucederá!
—Vejo a Gália perdida por uma mulher...; vejo a Gália salva por uma virgem da Lorena, e saída de um velho bosque.
—Vejo na Lorena uma floresta profunda, uma floresta de carvalhos, onde cresce, junto da clara fonte, a herva divina que o druida corta com a foice de ouro.
—Vejo um anjo de azas azuis, e scintilante de luz, tem nas mãos uma coroa...; uma coroa real.
—Vejo um cavalo de guerra tão branco como a neve.
—Vejo uma armadura de batalha tão brilhante como prata.
—Para quem é essa coroa real? Esse cavalo? Essa armadura?
—A Gália perdida por uma mulher, será salva por uma virgem da Lorena, saída de um velho bosque.
—Para quem é essa coroa real? Esse cavalo? Essa armadura?
—Oh! quanto sangue rebenta e corre em torrentes!... quanto sangue eu vejo!... quanto sangue eu vejo!
—Sobe o vapor do sangue...; sobe como um nevoeiro do outono para o céu, onde rebenta o raio, e onde luz o relâmpago!
—Através desses raios, desses relâmpagos, desse nevoeiro sanguinolento, vejo uma virgem guerreira...
—Ela batalha batalha... batalha ainda no meio

Biblioteca de Instrução Profissional

Manuais de officios

Construção Civil

Materiais de construção

Considerações gerais. Pedras de construção, argamassas, cal, areias, pozolanas, gessos e produtos cerâmicos, madeiras para construções, ferro, metais e substâncias diversas, etc., por JOÃO EMILIO DOS SANTOS SEGURADO.
1 volume de 440 páginas, encadernado em percalina. 20\$00

Terraplenagens e alicerces

Estudo sobre terraplenagens, isto é, sobre os movimentos da terra, escavações, aterros, transporte, pregos. Reconhecimentos de terreno por meio de pesquisas e sondagens, diversos sistemas de fundações, drenagens. Descrição geral dos andaimes e escaamentos empregados nas construções. Elementos orçamentais, por JOÃO EMILIO DOS SANTOS SEGURADO.
1 volume de 230 páginas, encadernado em percalina. 13\$00

Trabalhos de Carpintaria Civil

Descrição de ferragens, Estudo de samblas, máquinas, aplicação das madeiras nas construções civis, vigamento de sobrados, madeiramento dos telhados, cálculos, construções ligeiras de madeira, portas, janelas, escadas, lambris, etc., por JOÃO EMILIO DOS SANTOS SEGURADO.
1 volume de 385 páginas, encadernado em percalina. 16\$00

Diversas indústrias

Condutor de Máquinas

Descrição dos diferentes tipos de máquinas e de caldeiras de vapor; seu funcionamento; regras gerais para a sua condução e conservação; turbinas; sua classificação e descrição, etc., por CARLOS PEDRO DA SILVA.
1 volume de cerca de 400 páginas, encadernado em percalina. 20\$00

Fogoeiro

Generalidades; noções gerais; combustíveis; caldeiras de vapor; superfície de aquecimento; depósitos de água, de vapor e tubos condutores; caldeiras-gás-tubulares terrestres em arifinas, de fornalha exteriores e interiores; caldeiras aquitubulares de circulação limitada, livre, acelerada e ligeiras; acessórios de superfície de aquecimento, dos depósitos de água e de vapor e aparelhos auxiliares; combustão de líquidos de gases e de carvão pulverizado; bombas e injetores; locomotivas; condução, conservação, acidentes e avarias nas caldeiras, etc., por ANTONIO MENDES BARATA e RAUL BOAVENTURA REAL.
1 volume de 384 páginas, encadernado em percalina. 16\$00

Formador e estuador

Formação e fundição em gesso; endurecimento e bronzeamento do gesso; Material, ferramentas e utensílios para o trabalho em estuque; estale e assola; decorações de estuque; fabrico de massas plásticas, por JOSEF FULLER.
1 volume de 196 páginas, encadernado em percalina. 12\$00

Fundidor

Descrição e classificação do ferro, sua fusão e manseira de vasar. Materiais para a moldação, preparação e mão de obra. Diferentes processos de moldar. Fornos diversos, sua construção e maneira de funcionar. Regras e conselhos para se poder evitar imperfeições na fundição. Ligas metálicas. Cálculo e superfícies e volumes. Cálculos de peso etc., por HENRIQUE FRANCIS DA SILVEIRA.
1 volume de 232 páginas, encadernado em percalina. 13\$00

Pilotagem

Navegação costeira. Navegação estimada, Navegação ortodrômica. Cosmografia, Navegação astronômica. Regulação e rectificação de instrumentos náuticos. Reconhecimento hidrográfico, etc., por GUILHERME IVENS FERRAZ.
1 volume de 350 páginas, encadernado em percalina. 16\$00

Indústria alimentar

Trigo, moagem do trigo; panificação. Diversas espécies de pão. Fabrico de massas, aletriares, bolachas etc., por PEDRO PROESTES.
1 volume de 190 páginas, encadernado em percalina. 12\$00

Indústria do vidro

Generalidades, claria, pões, flutadores; mergulhadores; fornos e preparação de matérias primas. Manipulação do vidro e fabricação do vidro fino. Acabamentos e ornamentação. Vidraça e fabricação de grandes chapas de vidro. Diversas qualidades de vidro, Vetros e objectos de fabrico especial, etc., por JOSÉ MARIA DE CAMPOS MELO.
1 volume de 232 páginas, encadernado em percalina. 12\$00

BIBLIOTECA DE INSTRUÇÃO

PROFISSIONAL

Elementos gerais

Algebra elemental

Nomenclatura, notação e operações algébricas; equações do 1.º e 2.º grau; teoria dos logaritmos; exercícios algébricos e tábuas de logaritmos dos números 1 a 10000, por GUILHERME IVENS FERRAZ.
1 volume de cerca de 300 páginas, encadernado em percalina. 15\$00

Aritmética prática

Nomenclatura e operações sobre números inteiros, quebrados e decimais; composição de números e equações numéricas; números complexos; sistema métrico; regras de três e conjunta; regra de câmbio; anuidades; tábuas de logaritmos dos números 1 a 10000, por CUNHA ROSA.
1 volume de 384 páginas, encadernado em percalina. 15\$00

Desenho linear geométrico

Noções gerais até ao traçado da envolvente; cícloide, catenária; projecções ortogonais, perspectiva, etc., por CUNHA ROSA.
1 volume de 192 páginas, encadernado em percalina. 12\$00

Elementos de electricidade

Preliminares; geradores químicos de corrente eléctrica; magnetismo; indução; geradores mecânicos de corrente continua; acumuladores; geradores mecânicos de correntes alternativas; leis fundamentais das correntes eléctricas; distribuição das correntes eléctricas; iluminação; motores; telegrafia, telefonia e outras aplicações, por ALBERTO DE CASTRO FERREIRA.
1 volume de 784 páginas, encadernado em percalina. 30\$00

Elementos de física

Generalidades; atracção universal; líquidos; gases; ar atmosférico; calor; optica; luz; acústica; electricidade e magnetismo, etc., pela direcção da BIBLIOTECA DE INSTRUÇÃO PROFISSIONAL.
1 volume de 184 páginas, encadernado em percalina. 12\$00

Elementos de Mecânica

Noções gerais; estática; cinemática; dinâmica, etc., por EUGENIO ESTANISLAU DE BARROS.
1 volume de 230 páginas, encadernado em percalina. 12\$00

Elementos de Modelação

Origem, material, instrumentos, modelos, modelação em cera, ornato, arquitectura e figura. Apontamentos anatómicos, proporções do corpo humano, escultura em pedra e madeira. Exemplificação de motivos decorativos aplicados à ornamentação escultural, por JOSEPH FULLER.
1 volume de 150 páginas, encadernado em percalina. 12\$00

Elementos de Projeções

Projectões do ponto, da recta e do plano; mudança de lugar dos planos de projecção; intersecções de planos e de rectas com planos; rotações e rebatimentos; perpendicularidade das rectas e dos planos; linhas curvas planas, por JOÃO ANTONIO PILOTO.
1 volume de 405 páginas, encadernado em percalina. 16\$00

Elementos de Química

Generalidades; metalóides; metais; metais comuns e intermediários; químicos orgânicos; corpos orgânicos, etc., pela Direcção da BIBLIOTECA DE INSTRUÇÃO PROFISSIONAL.
1 volume de 330 páginas, encadernado em percalina. 12\$00

Geometria plana e no espaço

Estudo e resolução de problemas numéricos e gráficos, sobre a linha recta; circunferências, linhas proporcionais e superfícies. Estudos das linhas relativamente aos planos e ângulos. Diedros, poliedros, prismas, pirâmides, sólidos redondos, áreas das superfícies polidricas, áreas dos corpos terminados por superfícies curvas, volume dos poliedros, volume dos corpos terminados por superfícies curvas, noções sobre nivelamento, tábuas e fórmulas diversas, etc., por A. CUNHA ROSA.
1 volume de 390 páginas, encadernado em percalina. 13\$00

Fabricante de tecidos

Noções gerais sobre a lã, algodão, linho, juta e cânhamo. Preparação da lã, Cardar, pentar e fiar a lã, algodão, linho, juta e cânhamo. Operações preparatórias da tecelagem. Princípios de desenho, acessórios de tecelagem. Tecelagem em teares manuais e mecânicos. Tinturaria e branqueamento do algodão. Acabamentos e cálculos de fabrico, por JOSÉ MARIA DE CAMPOS MELO.
1 volume de 260 páginas encadernado em percalina. 13\$00

Mecânica

Torneiro e Fрезador mecânicos
Descrição dos fornos mecânicos, características e acessórios. Ferramenta do torneiro. Trabalhos do torneiro. Roscas e parafusos dos diversos sistemas, dimensões, tábuas e operações de abrir rosca. Movimentos, tornos especiais, etc., Máquina de frezar ou frezadora. Sua classificação e descrição. Acessórios e ferramentas das máquinas frezadoras. Características, trabalhos e transmissões das frezadoras, etc., por JOÃO SEQUEIRA DE CASTRO.
1 volume de 320 páginas, encadernado em percalina. 15\$00

Desenho de máquinas

Utensílios de desenho e sua aplicação, convenções de traços e cores; escalas dos desenhos; cortes e secções; cotas e dimensões; esboços cotados; execução e disposição dos desenhos, aguarelas e tintas, letras, títulos e legendas; projecções e intersecções, desenhos ampliados, descrição de diversos metais; exercícios de desenho à vista, desenho rigoroso, indicações práticas e proporções de diversos órgãos de máquinas; tábuas, etc., por TOMÁS BORDALO PINHEIRO.
1 volume de 340 páginas, formato 16x22 encadernado em percalina. 25\$00

Material agrícola

Matérias primas de construção; conservação do material agrícola para trabalhos culturais; ferramenta agrícola para a pequena cultura; revolvimento da terra, cultura da planta; colheita; preparação dos produtos; tratamento das plantas; aparelhos agrícolas para a cultura mediana; charruas de revolvimento fixo, alternado, duplo, especiais, tracção das charruas; máquinas agrícolas para a grande cultura; preparação das terras; lavoura mecânica; debulha; enfiamento de palha; preparação de comida para o gado; elevação de águas; motores agrícolas e transformação de produtos agrícolas, por H. FRANCIS DA SILVEIRA.
1 volume de 270 páginas, encadernado em percalina. 13\$00

Vulcanização de caldeiras e máquinas a vapor

Gerador de vapor; tipos diversos de caldeiras; detalhes, acessórios e aparelhos auxiliares das caldeiras; nomenclatura detalhada das máquinas de vapor em geral; diferentes tipos de máquinas de vapor terrestres e marítimas, por ANTONIO JOAQUIM DE LIMA E SILVA.
1 volume de 280 páginas, encadernado em percalina. 13\$00

Problemas de máquinas

Problemas dos mais usuais nas máquinas, com aplicações de princípios de física e mecânica; problemas sobre caldeiras e máquinas de vapor; resistências de materiais, etc., por ANTONIO JOAQUIM DE LIMA E SANTOS.
1 volume de 400 páginas, encadernado em percalina. 16\$00

Construção Civil

Acabamentos das construções
Trabalho de coberturas (telhados, etc.), estuques, decorações e ornatos, liças, pinturas, fingimentos, douraduras, colocações de azulejos, ladrilhos, lambris, pavimentos e mais trabalhos concernentes ao acabamento de um edificio, por JOÃO EMILIO DOS SANTOS SEGURADO.
1 volume de 340 páginas, encadernado em percalina. 16\$00

Alvenaria e Cantaria

Emprego nas construções das pedras em geral; paredes e muros de cantaria, alvenaria, tijolo, alvenaria de aglomerados, espessura das paredes e sua estabilidade; arcos e abóbadas; vãos de portas e janelas; escadas de pedra; chaminés; elementos ornamentais; trabalho do pedreiro e descrição da sua ferramenta, etc., por JOÃO EMILIO DOS SANTOS SEGURADO.
1 volume de 380 páginas, encadernado em percalina. 13\$00

Edificações

Descrição de um projecto de uma casa; indicações gerais sobre edificios e sua distribuição interior; descrições genéricas dos elementos arquitectónicos das fachadas; bastantes exemplos de projectos de edificios e resumo da legislação portuguesa e brasileira concernente a edificios, por JOÃO EMILIO DOS SANTOS SEGURADO.
1 volume de 260 páginas, encadernado em percalina. 13\$00

Encanamentos e salubridade das habitações

Estudo do abastecimento de água, gás e electricidade. Esgotos, instalações de retrates, urinóis, banhos, fossas, etc., ventilação e aquecimento das casas, princípios higiénicos a seguir nas construções, por JOÃO EMILIO DOS SANTOS SEGURADO.
1 volume de 300 páginas, encadernado em percalina. 13\$00

de uma floresta de lanças! parece cavalgar sobre os ombros dos arceiros!
—O cavalo de guerra tão branco como a neve era para a virgem guerreira!... para ela era também a armadura de batalha tão brilhante como a prata!...
—Mas para quem é a coroa real?
—A Gália, perdida por uma mulher será salva por uma virgem das fronteiras da Lorena, saída dum velho bosque.
—Para a guerreira, o cavalo e a armadura! Porém de quem é a coroa real? O anjo das azas azuis ainda a tem nas mãos!
—O sangue já cessou de correr em torrentes, cessou de estalar o raio, já não luz o relâmpago.
—Vejo um céu sereno; flutuam as bandeiras, soam os clarins, repicam os sinos; gritos de alegria! cantos de vitória!
—A virgem guerreira recebe das mãos do anjo de luz a coroa real.
—Um homem ajoelhado, trajando longo manto de arminho é coroado pela virgem guerreira.
—Pouco importa o que suceda...
—O que deve acontecer, acontecerá...
—A Gália perdida por uma mulher será salva por uma virgem das fronteiras da Lorena, saída dum velho bosque.
—A predição está no livro dos destinos.
Joana, suspensa dos lábios de Sybilla, não a interrompeu, e escutou essa misteriosa profecia com crescente emoção; a sua imaginação impressionável e viva, figurava-lhe a virgem da Lorena, trajada com a sua branca armadura, montada num branco corcel, batilhando no meio de uma floresta de lanças, e como dizia o canto profético, «cavalgando nos ombros dos arceiros».

Depois, terminada a guerra, vencido o estrangeiro, o anjo deslumbante de luz, (São Miguel, sem dúvida, pensava a pastorinha, que todos os domingos, via na igreja a soberba estátua do santo), que tinha a coroa real, dava-a à guerreira, e ao ruído dos clarins, dos sinos, dos cantos de vitória, ela entregava a sua coroa ao rei.
E esse rei, quem podia ser senão o gentil delfim de quem a mãe havia causado as desgraças da França! Nem sequer vinha ao pensamento da pastorinha que ela fosse um dia a virgem guerreira profetizada pela legenda; porém o coração da sincera criança batia-lhe de alegria, pensando que seria da Lorena a libertadora da Gália!
—Obrigada, madrinha, por me ter contado uma tão bela legenda! disse Joana com as lágrimas nos olhos, e lançando-se ao pescoço de Sybilla. Todas as noites pedirei a Deus, as suas santas, e ao Arcanjo São Miguel para fazerem cumprir bem depressa a profecia de Merlin. Serão enfim expulsos os ingleses da França! o nosso jovem príncipe será coroado graças à coragem da jovem da Lorena saída dum velho bosque!... Porém isso nunca se verá...
—Merlin o disse, minha filha. «Pouco importa o que aconteça; o que deve ser será»...
—E contudo, replicou a pastorinha, uma rapariga cavalgar, batalhar, comandar gentes guerreiras, como um capitão? isso é possível?...
—Sim, de certo. Noutro tempo, meu pai conheceu, na nossa provincia da Bretanha, a mulher do conde de Montfort, que foi vencido e feito prisioneiro pelo rei de França; chamava-se Joana como tu. Por muito tempo guerreou valentemente na terra e no mar, usando capacete e couraça; queria salvar a herança de seu filho que era um menino de três anos. A espada não pesava mais no braço da condessa Joana, do que a roca pesa nas mãos de qualquer outra mulher. Batia-se como uma leão defendendo o seu leãozinho!
—Que mulher! madrinha, que mulher!
—Tem havido muitas outras guerreiras, e isto succedeu há centos e centos de anos! tinham dos países longínquos do norte, em navios, eram bastante arrevidadas para irem, subindo o Sena, atacar Paris; chamavam-lhe as Virgens dos escudos. Não temiam os mais

OS MISTÉRIOS DO POVO

(1) Todas as profecias e todos os factos que dizem respeito a Joana, são textualmente citados no «Processo de Reabilitação» por

Estatutos da Confederação Geral do Trabalho (para serem discutidos no próximo Congresso Confederal)

CAPÍTULO I Dos objectivos

Artigo 1.º A Confederação Geral do Trabalho constituiu-se com os seguintes objectivos:

- 1.º O agrupamento sob a base federativa autónoma, de todos os trabalhadores assalariados do país, para a defesa dos seus interesses económicos, sociais e profissionais, pela elevação constante da sua condição moral, material e física;
- 2.º Desenvolver, fora de toda a escola política ou doutrina religiosa, a capacidade do operário organizado para a luta pelo desaparecimento do salarido e do patronato, e posse de todos os meios de produção;
- 3.º Manter as mais estreitas relações de solidariedade com as Centrais dos outros países, para a ajuda mútua, numa comum inteligência, que conduza os trabalhadores de todo o mundo à sua emancipação integral da tutela opressiva exploradora do capitalismo.

CAPÍTULO II Da constituição

Art. 2.º A Confederação Geral do Trabalho é constituída:

- a) Pelas Federações de Indústria;
 - b) Pelos sindicatos nacionais e regionais de indústria;
 - c) Pelas Uniãos Locais de Sindicatos vários;
 - d) Pelos Sindicatos cujas indústrias não possuam ainda Federações nacionais e que estejam isolados em localidades onde não haja União Local;
 - e) Pelos Sindicatos que possuindo, embora, Federação, não seja esta aderente à Confederação, ou que pela sua estrutura especial não possam ingressar nas Uniãos Locais.
- 1.º Fora do disposto das alíneas d) e e) do artigo 2.º os sindicatos só podem fazer parte da Confederação por intermédio das respectivas Federações de Indústria e Uniãos Locais, onde devem estar simultaneamente inscritos.
- § 2.º Exceptuam-se da disposição anterior:

anterior os sindicatos que sejam impedidos de ingressar nas respectivas federações, por virtude de estas se orientarem por normas anti-sindicalistas, mas só no caso de tais sindicatos serem aderentes à U. S. O. Local.

Art. 3.º Todos os organismos operários que desejarem ingressar na Confederação, além de terem que entrar, no acto da adesão, com a cota estipulada no n.º 3 do art. 38.º, terão que o participar em ofício autêntico, no qual conste a sua população federada ou associada e a aceitação do presente estatuto, enviando por sua vez o que possuir.

Art. 4.º Todos os confederados terão que cumprir as resoluções tomadas colectivamente, sempre que estejam de harmonia com os objectivos da Confederação, dentro dos Sindicatos e das Federações, respeitando-se o princípio de que o indivíduo é autónomo no Sindicato, este dentro da Federação e estas dentro da Confederação, etc.

CAPÍTULO III Das Secções

Art. 5.º — A Confederação divide-se em duas secções, a saber: Secção das Uniãos Locais de Sindicatos vários e Secção das Federações de Indústria e dos Sindicatos Nacionais, Sindicatos Regionais e Sindicatos Isolados.

Art. 6.º — São atribuições da primeira:

- 1.º Manter relações entre todas as Uniãos, para coordenar e simplificar o trabalho destes organismos;
- 2.º Criar ou provocar a organização de novas Uniãos em todas as localidades que as não tenham;
- 3.º Organizar periodicamente, com as informações fornecidas pelas Uniãos Locais ou por quaisquer outros organismos sindicais, estatísticas da produção, do consumo, da falta de trabalho, estatísticas comparativas dos salários e custo da vida de cada região, ou localidade;
- 4.º Facilitar a colocação e transporte dos operários de todas as profissões, qualquer que seja o seu sexo, raça ou nacionalidade, desde que este demonstre ser sindicalista;

Art. 7.º — São atribuições da segunda:

- 1.º Manter as relações entre as Federações de Indústria, os Sindicatos Nacionais Regionais e os isolados, para coordenar a acção destes organismos e tomar as medidas para sustentar a acção no terreno da luta económica em especial, e, dum modo geral, em conformidade com o disposto no capítulo I deste estatuto;
- 2.º Criar e provocar a organização de Federações de Indústria;
- 3.º Promover a adesão à respectiva União Local, dos Sindicatos que às Federações de Indústria adiram;
- 4.º Organizar estatísticas de produção e inventariar toda a maquinaria e ferramentas em todas as indústrias e saber a capacidade de produção das mesmas;
- 5.º Promover relações das Federações com as suas congéneres doutros países e auxiliar a constituição das internacionais de indústria;
- 6.º Promover conferências anuais dos secretários das Federações e de Sindicatos Nacionais, Regionais e isolados.

Art. 8.º — Cada uma das secções reunirá separada e ordinariamente uma vez por mês, e extraordinariamente sempre que o reconheça necessário.

Art. 9.º — Cada secção terá dois secretários, um efectivo e outro adjunto, sendo aquele nomeado pelo congresso e este pela secção respectiva.

Art. 10.º — Para simplificação e distribuição de trabalhos, poderá cada secção nomear sub-comissões especiais.

§ único. A Comissão de assistência jurídica e solidariedade que será composta por delegados das duas secções, tem fun-

5.º Vigiar atentamente a marcha da legislação operária com o fim de assinalar-lhe as vantagens ou inconvenientes, para as organizações confederadas;

6.º Ocupar-se de tudo que respeita à administração sindical e à educação moral dos operários;

7.º Promover a adesão à respectiva Federação de Indústria dos Sindicatos que às Uniãos Locais adiram.

§ único. Para desenvolver a organização na província, poderá esta secção promover conferências anuais dos secretários gerais das Uniãos de Sindicatos, assistidos da Confederação a fim de concertarem no melhor meio de estender a propagação às localidades circunvizinhas das sedes daquelas Uniãos, utilizando-se dos militantes mais experimentados e conhecedores para aquele efeito.

Art. 7.º — São atribuições da segunda:

1.º Manter as relações entre as Federações de Indústria, os Sindicatos Nacionais Regionais e os isolados, para coordenar a acção destes organismos e tomar as medidas para sustentar a acção no terreno da luta económica em especial, e, dum modo geral, em conformidade com o disposto no capítulo I deste estatuto;

2.º Criar e provocar a organização de Federações de Indústria;

3.º Promover a adesão à respectiva União Local, dos Sindicatos que às Federações de Indústria adiram;

4.º Organizar estatísticas de produção e inventariar toda a maquinaria e ferramentas em todas as indústrias e saber a capacidade de produção das mesmas;

5.º Promover relações das Federações com as suas congéneres doutros países e auxiliar a constituição das internacionais de indústria;

6.º Promover conferências anuais dos secretários das Federações e de Sindicatos Nacionais, Regionais e isolados.

Art. 8.º — Cada uma das secções reunirá separada e ordinariamente uma vez por mês, e extraordinariamente sempre que o reconheça necessário.

Art. 9.º — Cada secção terá dois secretários, um efectivo e outro adjunto, sendo aquele nomeado pelo congresso e este pela secção respectiva.

Art. 10.º — Para simplificação e distribuição de trabalhos, poderá cada secção nomear sub-comissões especiais.

§ único. A Comissão de assistência jurídica e solidariedade que será composta por delegados das duas secções, tem fun-

ções autónomas, fixadas no seu regulamento privativo, e funcionará junto da secção das Uniãos Locais.

CAPÍTULO IV Do Conselho Confederal

Art. 11.º O Conselho Confederal é formado pela reunião dos delegados das duas secções, sendo suas atribuições:

a) Executar as decisões dos Congressos Nacionais;

b) Intervir em todos os acontecimentos da classe operária e pronunciar-se sobre todos os pontos de ordem geral;

c) Decidir sobre as propostas, observações ou modificações que lhe sejam apresentadas pelos órgãos confederados e organismos confederados no superior interesse do proletariado organizado;

d) Fazer-se representar junto de quaisquer agrupamentos confederados aos quais tenha de prestar o seu auxílio;

e) Enviar delegados aos organismos confederados, quando assim o requeirir ou haja de tal necessidade.

§ 1.º Em casos de greve de reclamação os organismos confederados prestarão ao Conselho, com a possível antecedência, todos os esclarecimentos necessários, por intermédio das secções confederadas;

§ 2.º Em casos de perseguições por questões sociais proceder-se-á da mesma forma, enviando à Confederação todos os esclarecimentos necessários para que esta possa exercer a sua acção.

Art. 12.º Cada organismo é representado nas respectivas secções por dois delegados, um efectivo e outro adjunto.

§ 1.º Tratando-se dos Sindicatos a que se referem as alíneas d) e e) do Art. 2.º deste estatuto e havendo mais do que um da mesma indústria estes far-se-ão representar em conjunto — como se fora uma Federação de Indústria — por dois delegados no Conselho Confederal.

§ 2.º Os mandatos dos delegados serão revogáveis a todo o tempo pelos respectivos organismos, com motivo justificado;

§ 3.º Qualquer das secções, ou o Conselho Confederal, quando reconhecer em algum dos seus delegados falta de assiduidade, incompetência, incompatibilidade moral ou tendências para o desvio dos objectivos da organização, demiti-lo há e participará ao organismo que ele representar o motivo da sua demissão.

Art. 13.º O Conselho Confederal terá as suas reuniões ordinárias todos os meses e extraordinariamente sempre que seja con-

vocado por uma das secções, ou pelo Comité Confederal.

§ único. Todas as resoluções são válidas qualquer que seja o número dos delegados presentes.

Art. 14.º Quando o Conselho Confederal tenha dúvidas sobre qualquer questão que lhe for apresentada para resolver, submeterá a mesma ao estudo dos organismos aderentes, comunicando estes, por escrito, o resultado do seu estudo, salvo se preferirem que a mesma seja tratada no Congresso.

Art. 15.º Os trabalhos do Conselho Confederal são dirigidos por uma mesa composta de um presidente, nomeado em cada sessão, e dois secretários, sendo estes efectivos.

CAPÍTULO V Do Comité Confederal

Art. 16.º O Comité Confederal constituir-se-á pela reunião conjunta da comissão administrativa da Confederação, dos secretários das duas secções (Secção de Uniãos e Secção de Federações), do secretário da Comissão de Assistência Jurídica e Solidariedade e do director de A Batalha.

Ordinariamente reúne duas vezes por mês e são suas atribuições:

1.º Verificar a execução das resoluções do Conselho Confederal e resolver sobre todas as questões que lhe sejam presentes e para as quais considere dispensável ouvir o Conselho;

2.º Atender às necessidades da representação da C. G. T. e da propagação no país, sempre que o Conselho não se possa pronunciar nesse sentido com a antecedência indispensável.

CAPÍTULO VI Do Secretariado Confederal

Art. 17.º A Confederação terá um secretariado nomeado em Congresso e composto por três membros: secretário administrativo, secretário de relações internas e secretário de relações externas, respectivamente, secretário efectivo da comissão administrativa, secretário efectivo da Secção de Uniãos e secretário efectivo da Secção de Federações, e cumpre ao secretariado:

1.º Comparecer às reuniões do Comité e Conselho Confederal e relatar todas as propostas do Comité, das secções e comissão administrativa;

2.º Representar a Confederação sempre que seja conveniente e na ausência de resolução do Conselho ou Comité Confederal.

§ 1.º Os membros do Secretariado Confederal são simultaneamente:

(o secretário administrativo) secretário efectivo da comissão administrativa da Confederação; (o secretário de relações internas) secretário efectivo da Secção de Uniãos; (o secretário de relações externas) secretário efectivo da Secção de Federações. Cumpre-lhes fazer toda a correspondência de cada um dos órgãos referidos e assistirem às suas reuniões.

§ 2.º O Secretariado Confederal tem a seu cargo a administração económica da Confederação após o Congresso e enquanto o Conselho Confederal não proceder à nomeação da comissão administrativa.

Art. 1.º O Secretariado servirá de Congresso a Congresso, mas o Conselho Confederal tem prerrogativa para substituir qualquer dos seus membros ou a sua totalidade em caso de absoluta necessidade.

CAPÍTULO VII Da comissão administrativa

Dia 19.º — A administração económica da Confederação está a cargo duma comissão administrativa, composta de cinco membros: um secretário efectivo, um secretário-tesoureiro, dois secretários adjuntos e um secretário arquivista; o primeiro é nomeado em congresso e os restantes pelo Conselho Confederal, e incumbem-lhes:

Ao secretário efectivo fazer toda a correspondência que respeita à comissão e assinar os documentos de caixa; ao secretário-tesoureiro arrecadar as receitas da Confederação, conferir a caixa mensalmente por o visto nos livros respectivos e prestar contas de toda a gerência; aos secretários adjuntos fazer as actas da comissão e substituir provisoriamente o secretário efectivo ou o secretário-tesoureiro; ao arquivista ter sob a sua guarda o arquivo e biblioteca confederal.

§ 1.º — A comissão apresentará trimestralmente ao Conselho Confederal um balanço geral do movimento económico da Confederação, claramente escriturado e por à disposição dos delegados ao conselho, para consulta, os livros da escrita ou documentos, quando devidamente autorizados pelo Conselho Confederal.

§ 2.º — A escrita económica da Confederação deverá ser feita por pessoal técnico habilitado sob o controle do secretário-tesoureiro.

Continua

A CRISE NA CONSTRUÇÃO CIVIL

Alfredo Lopes diz à BATALHA como podia ser debelada a crise naquela importante indústria

No modesto gabinete do Sindicato da Construção Civil, o seu secretário geral e nosso camarada Alfredo Lopes dava despacho a vários expedientes, quando ontem ali fomos em busca de impressões sobre a crise de trabalho. O vigoroso militante da construção civil falou-nos largamente da miséria que actualmente atravessam as famílias dos 1.000 desempregados, crise provocada pela ganância de alguns proprietários e pela negligência das autoridades competentes.

As suas declarações vão ser o mais fielmente expostas, de forma ao leitor se apreender da gravidade do caso.

— Existem em Lisboa, diz-nos o nosso entrevistado, 179 prédios em construção. Por razões várias as referidas obras encontram-se paralisadas e, por consequência, sem trabalho os operários que deviam ser ali empregados.

— Com essas obras em laboração a crise seria debelada?

— Posso afirmar-te, sem receio de desmentido, que se os 179 prédios prosseguissem na sua laboração, a crise desaparecería em Lisboa e arredores como que por encanto.

— E como se pode conseguir esse desiderato?

— Duma forma muito simples. Os proprietários seriam obrigados a concluir as suas obras. Em caso de recusa, o governo ou a Câmara contraía um empréstimo para o seu acabamento, que seria por concurso público. Depois das obras concluídas, seriam alugadas aquelas propriedades, por conta da entidade que procedesse à sua conclusão, até reaver as importâncias dispendidas e o juro do capital. Findo esse prazo seriam as propriedades devolvidas aos seus antigos proprietários.

— No caso do governo e da Câmara não se preocuparem com o assunto?

— Devia ser facilitado aos fornecedores de materiais, credores desses prédios, procederem à sua conclusão, como já foi resolvido num comício realizado em 1924. Concluídos os prédios proceder-se-ia do mesmo modo que já indiquei no caso de ser a Câmara ou o governo que procedesse a esse trabalho. E julgo que não se cometeria nenhuma atropelo fazendo-se esta concessão, uma vez que ela viria terminar com uma situação que bastante miséria provoca.

— A laboração desses 179 prédios seria o suficiente para debelar a crise?

— Como disse a crise seria debelada com essa medida. Mas se a Câmara se dispizesse a defender os interesses dos municípios, toda a população operária muito teria a lucrar...

— Como assim?

— Não é novidade que a população de Lisboa se comprime em verdadeiros tugúrios, numa promiscuidade revoltante, por falta de habitação. Se a Câmara e as entidades a quem estão confiados os vários serviços de saúde intercedessem junto do governo para que se operasse imediatamente a conclusão do Bairro Social do Arco do Cego e do Bairro Económico da Ajuda, essa gente que vive para aí como sardinha em canastra, poderia provisoriamente viver ali, enquanto nesses prédios, por imposição da Câmara, os respectivos proprietários mandariam proceder às necessárias limpezas.

— Esta medida, não só traria as conveniências apontadas como ainda contribuiria para que os moradores dessas cisternas não se intoxicassem.

— Nosso interlocutor, para que nós poderíamos compreender melhor as suas intenções, acrescenta:

— Calcula que posta em prática esta resolução os prédios dos bairros imundos como Alfama, Mouraria, Casal Ventoso, Sete Moinhos, Cascalheira e Santana, te-

riam imediatamente que sofrer a uma barreira para ficarem em condições de serem habitados.

— Mas não é apenas a limpeza interior, diz-nos Alfredo Lopes, que se carece. Há prédios cujas fachadas se encontram num estado deplorável. Outros precisam de obras, tal o estado vergonhoso em que se encontram...

— Em matéria de limpeza e conservação das propriedades urbanas, nada justifica, como mais duma vez tenho referido, a medida da Câmara que alterou de 6 para 8 anos o prazo das limpezas dos prédios. O que à Câmara competia era intimar os proprietários dos prédios a proceder às necessárias limpezas uma vez que de tal eles estão necessitados.

— Tens mais algum ponto de vista sobre a crise?

— Entendo que postos em prática os pontos de vista que defendi a crise seria debelada de forma a não nos importarmos. E com a solução da crise na indústria da construção civil muitas outras classes viriam a beneficiar, especialmente a dos seralheiros civis, vidraceiros e do mobiliário. Sim, porque havendo habitações em número suficiente muitas peças de mobiliário que não se adquirem por esse motivo teriam amanhã farta procura.

— Além do que já indiquei, ainda o governo poderia mandar abrir as obras do Liceu Feminino, Escola Normal de Benfica, Encomendas Postais e Maternidade e empregar ali muitos dos desempregados.

— Contas que serão atendidas as vossas reclamações?

— Seja como for o nosso Sindicato não descurará a situação dos desempregados, pois ela é bastante crítica. Nas mais difíceis emergências a nossa organização sempre afirmou a sua vitalidade. Agora como então sabermos provar quanto valemos como classe organizada.

E Alfredo Lopes ficou entregue às suas ocupações enquanto nos dirigíamos para a redacção.

Em Oeiras

Um industrial que não conhece leis

Em Oeiras existe uma fábrica de malhas e tinturaria de José Joaquim Nogueira, onde as leis do horário do trabalho e de protecção a menores parece não serem conhecidas.

Ali os operários sujeitam-se a um horário de 10 horas e são explorados grande número de menores de ambos os sexos, de idade inferior à que a lei estabelece para a entrada nas fábricas.

Há dias o menor Octávio Ribeiro, insurgiu-se contra o facto de por um salário ínfimo o obrigarem a trabalhar 10 horas, valendo-lhe a sua reclamação o ser despedido. Chamado a intervir no caso o delegado do governo daquela localidade, o mesmo garantiu que iria proceder contra o abuso do industrial; mas são decorridos quase três meses e não se tem feito sentir nem a intervenção directa do referido delegado, nem da polícia, que afirma não conhecer disposição legal que obrigue o dono da fábrica a respeitar as 8 horas de trabalho, continuando aquele roceiro a afirmar, todo cheio de importância, que na sua casa quem faz as leis é ele.

E lamentável que a acompanhar o gesto deste menor se não tenham insurgido também os operários adultos, fazendo por sua vez valer aquela velha aspiração do operariado.

Ler o Suplemento de A BATALHA

Ferrovirios do Sul e Sueste

A reunião de Lagos

Com a comparência de todo o pessoal dos serviços do movimento e via, efectuou-se no passado dia 3, em Lagos, a anunciada sessão de propaganda económica levada a efeito pelo sindicato do pessoal do Sul e Sueste.

Na presença dos delegados do respectivo organismo, comissão de melhoramentos, Federação Ferroviária e Confederação Geral do Trabalho, deu-se início àquela, tendo falado respectivamente, Alfredo Carvalho, Alfredo Pinto, Mario Castelhamo e Manuel Joaquim de Sousa.

A questão da situação económica que a classe atravessa foi largamente debatida, tendo os presentes tomado conhecimento das reclamações formuladas e já entregues às entidades competentes.

Tratou-se dos vários assuntos que interessam à vida social contemporânea, apreciando-se a união de toda a classe para o consequimento das reclamações em trânsito.

A reunião de Funcheira

Das reuniões efectuadas na linha, foi a última e uma das maiores.

Assistiu numeroso pessoal do movimento, via e máquinas, tendo ocorrido a este local algum pessoal das imediações.

A sessão foi aberta às 21 horas, presidindo Luís de Carvalho, chefe de maquinistas, secretariado por Manuel Peres, ferreiro, e Vergílio Coelho Anjos, fiel de estação.

Após o presidente ter aberto a reunião e dado conhecimento ao pessoal dos fins a que a mesma se destina, foi dada a palavra ao secretário geral do sindicato, camarada Alfredo Carvalho, que começou por saudar os ferroviários presentes, referindo-se à sua antiga união e solidariedade, a qual tem de ser novamente estabelecida para que se consiga adquirir o que se reclama.

Lê a parte das reclamações que se refere às categorias que se encontram presentes, explicando qual o critério que presidiu à sua confecção. Lembra a conveniência que todos têm de insistir pela satisfação das mesmas, atendendo à precária situação da classe.

Alfredo Pinto, membro da Comissão de Melhoramentos, expõe detalhadamente as "demarches" efectuadas com o governo e administração geral, fazendo várias considerações sobre o assunto demonstrativas da necessidade que há em se defender à outrance os direitos da classe.

Manuel dos Reis refere-se à situação do pessoal eventual e exorta os ferroviários a unificarem-se em presença da exploração da classe capitalista.

Mário Castelhamo, delegado da Federação Ferroviária, demonstra o que é necessário fazer para que o referido organismo corresponda à missão social que lhe está designada.

Refere-se à situação dos trabalhadores e à noção que a maioria deles têm de que as coisas se prolongarão indefinidamente assim, não sofrerão modificação. Essa noção, diz, é principalmente resultante duma educação falha, imbuida dos maiores erros que é ministrada à criança e que a acompanha quasi sempre pela vida fora. Sob o ponto de vista educativo alarga-se em vários conceitos, chegando à conclusão de que o trabalhador só por intermédio dos seus organismos sindicais poderá adquirir a capacidade indispensável à sua defesa e adquirir os conhecimentos de que necessita.

Faz a apologia do estabelecimento duma verdadeira fraternidade entre os componentes dos diferentes serviços ferroviários, os do quadro administrativo, como do jornaleiro ou eventual e preconiza a união de todos os valores morais que na classe existem para que o resultado se obtenha rápido.

Alude ao princípio de propriedade e o

PROPAGANDA SINDICAL

Os Manipuladores de Pão de Olhão aderiram à C. G. T.

OLHÃO, 6. — Reuniram em 30 do mês p. p. os socios desta colectividade, para tratarem de vários assuntos de interesse para a classe, entre eles o de dar a adesão à U. S. O. e C. G. T. o que foi aprovado por unanimidade.

Foram nomeados delegados à U. S. O. Joaquim Fernandes Correia, Manuel dos Reis Junior e Gonçalo Afonso Garganta. A sessão decorreu sempre com calma e elevação, fazendo-se representar a União pelo seu secretário geral.

Reorganizou-se o Sindicato dos Empregados no Comércio de Faro resolvendo federar-se e confederar-se

Deslocaram-se àquela cidade dois delegados desta vila, enviados pelo Sindicato dos Empregados no Comércio a fim de efectuarem uma sessão de propaganda a qual decorreu no maior entusiasmo, resultando aproveitar-se o tempo nos assuntos que diziam respeito à sessão: comunicar à Federação dos Empregados no Comércio (Zona Sul) a reorganização do Sindicato e nomear seu delegado ao Conselho Geral o camarada Virgílio de Sousa. Foi resolvido dar-se a adesão à C. G. T. aguardando-se a nova sessão que ficou marcada para segunda feira, com o fim de conseguir um maior número de associados. Voltam novamente amanhã ali os mesmos delegados. Lavra grande entusiasmo na classe farense. — C.

CRISE DE TRABALHO E BAIXA DE SALÁRIOS

Empregados no Comércio de Olhão

OLHÃO, 6. — Na ansia de criar a miséria no lar dos trabalhadores, o patronato sanguessuga, está provocando a "chômage".

Foram lançados à rua uma grande parte da classe dos Empregados no Comércio desta vila, entre os quais se vê o secretário geral da U. S. O. — C.

"A BATALHA" No Bureaul de La Presse.

que a originou, provando que só com o completo entendimento entre todos os trabalhadores se poderá modificar a actual estrutura da sociedade.

Terminada dando todo o apoio às reclamações formuladas, esperando que os ferroviários do Sul saibam cada vez mais paten-tar à Federação, a sua acção e solidariedade.

João Fernandes Cavalheiro preconiza o mútuo entre os componentes dos caminhos de ferro, como base segura para um resultado eficaz, procurando cada um no seu mister produzir de forma a não prejudicar o seu semelhante.

Refere-se também ao pessoal eventual e à sua dolorosa situação, opinando pelo desaparecimento de tal designação, para o que se deverá reclamar que o pessoal que necessitará for para os serviços ferroviários tenha todos idênticos deveres e direitos.

Alfredo Carvalho dá umas explicações sobre o pessoal eventual, encerrando-se a sessão às 23.50, depois de aprovados os documentos já conhecidos.

O delegado da Confederação não assistiu a esta reunião por ter de seguir para Olhão em serviço da organização geral.

VIDA SINDICAL

C. G. T.

Comité Confederal. — Reúne hoje, às 21 horas, para tratar dum assunto urgente.

COMUNICAÇÕES

S. U. Metalúrgico. — Reúne no dia 2 a assembleia geral que, apreciando o pedido de demissão do secretário geral, aprovou uma moção que o reintegra em todos os cargos de que estava demissionário. Discutindo a circular 49 da C. G. T., aprovou-a, nomeando delegados ao Congresso Confederal os camaradas Emílio Santana, Francisco Viana e Manuel Ferreira da Silva.

Voltando a reunir no dia 7, a assembleia apreciará um inquerito feito à situação do militante Lúcio Costa, tendo, após as justificações do inquerido e apreciações de outros elementos da classe, aprovado o relatório da comissão de inquerito, cujas conclusões são as seguintes:

"A comissão não se move qualquer inimizade pessoal contra Lúcio Costa; antes pelo contrário, porque viu, nas suas declarações mais imparcialidade, sobre os factos, do que da parte dos seus subordinados de oficina, apenas tem que trazer uma conclusão fiel dos factos baseados na boa justiça e verdade, não encobrindo a razão dos factos tal como são, perante a assembleia do Sindicato que a nomeou para a tão espinhosa missão.

A comissão portanto entende que Lúcio Costa não pode exercer qualquer cargo de organização sindical, por virtude de que fica exposto na conclusão 4.ª e suas alíneas, considerando transitória esta sua situação até ao momento em que se reabilita, modificando a sua condição no sentido compatível com a organização sindical.

Foi por fim aprovado um protesto contra a forma como Raul Soares acusou não comparecendo para justificar.

Maquinistas Fluviais. — A assembleia geral aprovou a admissão de novos socios para o preenchimento das vagas de socios já falecidos, com a condição especial de essa admissão só ser facultada aos profissionais seralheiros ou torneiros mecânicos, devendo para o efeito apresentarem os respectivos documentos.

Aprovou mais que se preste toda a solidariedade aos camaradas dos rebocadores e gazolinas.

S. U. da Construção Civil. — Secção Profissional dos Carpinteiros. — Reúne esta secção juntamente com a comissão pró-bandeira, resolvendo pôr em prática várias resoluções referentes ao assunto. Brevemente será publicado o programa da festa.

Vendedores de Jornais. — Com farta concorrência reuniu ontem a assembleia geral, a qual foi presidida por Américo Ferreira e secretariada por Eduardo Vidal e Joaquim Estrêla. No expediente constavam ofícios dos distribuidores dos jornais do Pórtico e do Sindicato dos Profissionais da Imprensa, que foram tomados em consideração.

</